

HEILBORN, Maria Luiza. "Estranha no ninho: geração, tempo e sexualidade". In: VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina (orgs.), *Pesquisa Urbana: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2003.

### **Estranha no ninho: geração, tempo e sexualidade**

*Maria Luiza Heilborn<sup>1</sup>*

Como aprendiz, nos anos de formação no fazer antropológico em uma renomada instituição, fui socializada numa vertente da disciplina que valorizava fortemente a dimensão cultural, mais próxima ao sentido americano do termo. Uma linhagem de autores era invocada para dar à dimensão simbólica o peso mais significativo nas análises, sem que houvesse exatamente um claro consenso sobre o que o termo propriamente designava. Estive exposta a um amálgama de autores, com distintas filiações, nem sempre fáceis de serem conjuminadas. Arrolo de um lado o veio da sociologia urbana da Escola de Chicago, onde despontam autores como Park, Becker, Goffman, que por sua vez remetem a Simmel e Weber como fontes maiores de inspiração; algumas pitadas de antropologia social britânica sobretudo aquela que remete à Gluckman e de outro lado, o peso nada desprezível da tradição francesa, associada sobretudo ao impacto que a obra de Louis Dumont teve no Brasil (cf. DaMatta, 1979, Velho, 1981 e Duarte, 1986).

As decisões que constroem uma carreira profissional são um misto de interesses intelectuais, afetivos e pragmáticos e a inteligibilidade que essa história possa eventualmente ter é, em geral, recuperada/ produzida nas circunstâncias dos concursos públicos para a docência universitária, para os quais escrevemos memoriais. Assim uma avaliação de minha trajetória como pesquisadora, dedicada ao tema do gênero e da sexualidade, e um balanço dos dilemas do trabalho de campo com que me deparei saltam desses documentos nos quais o interesse pela antropologia é descrito como um desdobramento de minhas preocupações nos anos 70 com as questões feministas e com o que hoje se designa como gênero. O caminho até a sexualidade aparece mais tarde nesse percurso. Presentemente atuo como cientista social no campo disciplinar denominado saúde coletiva, no qual sobressai uma tentativa de interlocução com os saberes médicos, que são, no caso, interrogados a partir de um olhar antropológico. Trata-se de um debate nem sempre fácil em razão das relações de força que o saber médico detém perante outros saberes. O prestígio profissional dos médicos parece funcionar como "equivalente geral" numa área que se quer interdisciplinar, e frequentemente os interlocutores pouco conhecem sobre a lógica interna do campo antropológico. E assim buscar afirmar a

---

<sup>1</sup> Professora do Instituto de Medicina Social/UERJ.

legitimidade de investigações sobre sexualidade centrada na busca do sentido para os atores envolvidos pode se mostrar um exercício estafante. Arriscando-me a resvalar em um tom confessional, adoto uma estratégia de narrativa de experiências de pesquisa para adentrar no tema das especificidades da investigação sobre sexualidade, esclarecendo que o título “estranha no ninho” refere-se ao sentimento (ambíguo) de estar redefinindo minha trajetória como antropóloga e empreendendo uma linha de reflexão mais sociológica. Como se sabe, as fronteiras entre as disciplinas são sempre uma arena de debate, de poder e de reconhecimento entre pares...

No doutorado, empreendi a análise sobre os feitos da conjugalidade moderna, comparando casais hetero e homocorporais (Heilborn, 1995), sistematizando o que os discursos dos informantes, 32 sujeitos de camadas médias superiores, moradores da cidade do Rio de Janeiro falavam sobre a vida a dois. Na tese, a tensão entre as matrizes teóricas acima apontadas se exprime através de uma dualidade de estratégias analíticas. De um lado está a tentativa de equacionar a persistência de uma assimetria de gênero como inerente ao sistema classificatório, mesmo num contexto igualitário, onde se supunha que ela pudesse ter desaparecido e de outro lado, um exercício ao sabor do interacionismo simbólico para dar conta da dinâmica conjugal moderna entre informantes autodefinidos como heterossexuais, gays e lésbicas. Essa tensão assinala a concomitância de uma explicação mais generalista das feições do gênero na modelação das trajetórias de vida e das peculiaridades das identidades sexuais, nas quais o gênero perde sentido na organização interna das díades homocorporais. Nessa oportunidade, a técnica utilizada foi a das entrevistas em profundidade, tendo ficado a dimensão da observação direta menos privilegiada. Contudo, a observação presente na coleta das entrevistas ajuda a compor o retrato que fazemos de nossos entrevistados. Só quando privados desse aporte, podemos melhor avaliar o quanto essa avaliação, feita quando da tomada do depoimento, é valiosa. Há uma multiplicidade de pequenas informações que são passadas enquanto o sujeito fala, enquanto se observa a sua residência (se a entrevista ali ocorre), sua *hexis* corporal, toda uma gama infundável de eventos que a percepção registra e que compõe o retrato que acabamos por desenhar de sua *persona*. Esta experiência fenomenológica, que de algum modo resgata o tema da imersão (ainda que muito parcial) no mundo do entrevistado, aparece esmaecida até o momento em que as circunstâncias nos confrontam com a impossibilidade de tê-la e passamos a trabalhar com entrevistas conduzidas por terceiros.<sup>2</sup> No desenrolar da carreira acadêmica, sob as circunstâncias já descritas, trabalhar

---

<sup>2</sup> Fui confrontada à questão de por que a estratégia de interpretação de grupos urbanos recaía numa espécie de timidez interpretativa, revelada pela ausência de referências maiores a uma cultura moderna na qual meus informantes estavam imersos. O argumento em jogo, e que diz respeito à pesquisa em meio urbano, se as etnografias de sociedades indígenas (brasileiras) lançam mão de todo um arsenal da cosmologia de uma dada área cultural para explicar como certos nativos pensam e agem, por que não o fizera eu mesma? Isso certamente remete a uma espécie de tendência à reificação dos

com um número limitado de entrevistas mostrou-se cada vez menos conveniente e assim passei a me utilizar cada vez mais de entrevistas conduzidas por alunos ou pesquisadores associados, nas quais por melhor que sejam os registros das condições de produção daquelas falas, não se tem mais a ilusão reconfortante de domínio sobre as entrelinhas daquele discurso. O antropólogo se afasta muito do ideal estatuído na história da disciplina, quando o pesquisador ao modelo malinowskiano, submergia no mundo do pesquisado.

Foi na acima referida situação de pesquisa, que o tema da sexualidade, ao qual eu me aproximara muito mais pelo ângulo do estilo de vida presente entre casais lésbicos e gays de camadas médias do que propriamente um interesse sobre práticas sexuais, tomou um vulto expressivo dentre os meus interesses. Foram meus informantes, sobretudo os homens gays, que me fizeram reparar no assunto (Heilborn, 1995). Eles mencionavam espontaneamente, para a minha surpresa, a gramática sexual que fazia deles um casal, a linguagem atividade – passividade. Fui provocada por uma ‘colocação do sexo em discurso’ para a qual não estava preparada. Esse episódio parece-me até hoje intrigante: o quanto dele dizia respeito ao modo como homens gays falavam de sua vida sexual e o peso que o sexo desempenhava na dinâmica da vida conjugal, comparativamente ao silêncio que caracterizava o discurso das mulheres homossexuais; ou o quanto dele revela um traço peculiar de uma configuração cultural mais ampla que permite falar sobre vida íntima em um contexto de uma entrevista<sup>3</sup>. Nessa situação ser uma mulher pertencente a segmento social assemelhado ao dos meus entrevistados e da mesma faixa etária tornava a abordagem do tema da sexualidade “natural” para os inquiridos. Não havia qualquer inadequação sobre as perguntas que eu fazia e sobre as que vim a formular depois da “deixa” dos homens gays. Pude retornar a entrevistados (as) e pedir avaliações sobre a cena sexual que a conjugalidade que vivenciavam proporcionava.

Investigar sistematicamente a sexualidade tornou-se depois dessa experiência uma meta. A ida para um espaço universitário voltado para o tema da saúde acabou por reforçar esse interesse. O momento dessa decisão é também significativo. A epidemia Hiv/ AIDS

---

grupos ou contextos sociais, muito específica da chamada antropologia urbana, embora sempre se tenha como lema que não se estuda a aldeia, mas na aldeia (cf Geertz, 1973). Com as incursões em terrenos menos seguros que as próprias fronteiras da rede social que se observa ou do contexto. A crítica feita pode a meu ver ser estendida à grande parte da produção realizada em meio urbano, quando se hesita diante das incursões em terrenos menos seguros que as próprias fronteiras da rede social que se observa ou do contexto, provavelmente por receio de perder o fito de desenhar as especificidades de um dado grupo social em meio a multiplicidade de estilos de vida que coexistem na metrópole.

<sup>3</sup> Adiantando um dado de pesquisa (Gravad) que será tratada mais à frente: é significativo o número de jovens, *em torno de um terço* que comunica aos colegas terem tido relações sexuais, contrastando fortemente com os resultados obtidos na França, onde o assunto é de foro íntimo e raramente se comunica a terceiros (Bozon e Heilborn, 2001). As demais opções de comunicação – pais, irmãos e outros parentes são também mais preferidas do que a alternativa ninguém.

conferiu à discussão maior relevância, criando um clima mais propício para as pesquisas sobre sexualidade, que sempre tiveram uma inserção no mundo das ciências sociais delicada<sup>4</sup>. Considerada um tema menos nobre diante dos temas legítimos e “sérios” como mercado, política e trabalho, a investigação nessa área, como já assinalou Alain Giami (1995), aparece atrelada correntemente às questões ligadas à saúde pública, seja no caso da contracepção, seja no caso das doenças sexualmente transmissíveis. É verdade que a antropologia sempre se destacou na pesquisa sobre sexualidade, seja pelo interesse que a vida sexual dos selvagens despertava ao olhar dos ocidentais (Malinowski, 1976), seja porque na investigação de mundos sociais específicos (Guimarães, 1979, Fry, 1981) o tema aparecia como nucleador de relações sociais mais amplas.



Pesquisas comparativas entre culturas têm por mérito assinalar nitidamente de que modo a sexualidade depende de regras sociais. As pré-noções que revestem o tema trazem inequivocamente a representação de que se trata de algo individual, *interno, inexorável, mas* sujeito em sua externalização a diversos constrangimentos. A percepção de que se trata de um elaborado sistema de determinações sociais que articulam indivíduo e sociedade é tênue. Do lado societário, está um cenário complexo em que valores que entrelaçam usos sociais dos corpos, concepções acerca do sexo como veículo de comunicação e mobilidade social, noções como intimidade e interioridade, relações de gênero codificadas em regras jurídicas que traçam o estatuto dos contatos sexuais entre os sujeitos (veja-se a recente tematização da pedofilia) traçam o quadro no qual se desenrola o aprendizado da sexualidade em uma etapa etária, denominada de adolescência (cf. Simon e Gagnon, 1973). A partir dela vai se delineando uma trajetória sexual na vida de cada um, que pode ser mais linear ou mais variada. O gênero em complexa relação com o sexo anatômico do sujeito e com atributos do seu corpo (beleza segundo avaliações socialmente circunscritas) desempenha um papel significativo na modelagem dessa carreira, enquadrada por um panorama da inserção social dos sujeitos implicados. O uso menos contido dos corpos no Brasil e a ideologia de que somos sexualmente predispostos e extrovertidos impregna esse retrato em pinceladas amplas da sexualidade na sociedade brasileira (Bozon e Heilborn, 2001). Mas aqui nos deparamos com um dos problemas mais instigantes do fazer antropológico que é a tensão entre o particular e o geral e sobre que bases podem ser feitas generalizações.

Antes da iniciativa sobre os nexos entre identidade sexual e formatos da conjugalidade igualitária em um nicho social específico, havia feito uma incursão ao trabalho de campo mais clássico em antropologia, através da observação participante. Despendi 8 meses no bairro de

---

<sup>4</sup> Relembro episódio do cartaz da conferência da Anpocs em 1997, que continha alguns nus em bico de pena, e a mesa redonda a respeito de pornografia e erotismo que

Ricardo de Albuquerque, subúrbio da região da Central do Brasil, no início dos anos 80. Desconhecido para mim como espaço físico e moral, adentrei um universo de pequenos funcionários públicos e comerciantes e de donas de casa, sobre quem me interessava seus filhos e filhas. Estudar a juventude era uma maneira de testar algumas das hipótese sobre mudanças sociais, sobre o permanente enfrentamento entre inovar e reproduzir. Nesse trabalho (Heilborn, 1984) combinei entrevistas individuais, com algumas realizadas em grupo, visitas aos domicílios, freqüência a bailes regulares e de carnaval e perambulações pelas ruas do bairro anônimo, residencial e pacato. Ricardo ostentava cadeiras na calçada e namoro de portão. O namoro desenrolava-se na soleira da casa da moça sob o olhar vigilante do grupo familiar; a transição para dentro da casa representava uma passagem significativa de compromisso entre os jovens, na qual havia a forte expectativa de desembocar num casamento. Jovens então entrevistados, que tinham entre 15 e 20 anos, apresentavam uma visão de mundo tradicional, consubstanciada numa determinação conservadora de reproduzir o estilo de vida da geração parental. As regras de namoro bem como o caráter de drama ritualizado envolvidos na escolha do par e no controle social exercido sobre ele, pelo grupo de parentes espelhava o valor da honra feminina e a importância da virgindade antes do casamento para as moças. O quadro se completava pelas histórias insinuadas de iniciação sexual dos rapazes, dos medos que enfrentavam em comprometer-se com parceiras indesejáveis (e as possibilidades de uma gravidez e aborto) ao mesmo tempo em que se configurava para eles o imperativo do sexo. Era um quadro extremamente tradicional de relações de gênero, no qual como forasteira tinha uma entrada curiosa. O tema da sexualidade não podia ser abertamente levantado por mim por conta do controle que deveria manter sobre a avaliação moral da qual eu era objeto. Embora sem idade para ser mãe daqueles jovens deveria manter uma atitude de recato diante dos rapazes: uma saída para conhecer uma escola de samba que eles freqüentavam em um grupo no qual eu era a única mulher chegou a provocar algumas discretas reprimendas por parte da geração dos pais. Eu era uma mulher solteira e não deveria comprometer minha honra, embora a distância social propiciada pela diferença de classe tivesse neutralizado o peso maior das críticas.



Resultados de inquéritos populacionais realizados em outros países possibilitam, através da comparação, assinalar de que modo a sexualidade se organiza a partir de um enquadramento social (ASCF, 1992; Laumann *et al.*, 1994; Lagrange e Lhomond, 1997; M. da Saúde, 1999) ao mesmo tempo que são expressão de contextos intelectuais precisos (Calvez, 1993). Delinear cenários mais abrangentes tornou-se um objetivo. Ainda que possa

---

provocaram muita celeuma. Os comentários giravam em torno da pouca seriedade do tema.

parecer um pouco positivista, descrever a materialidade daquilo que se convencionou chamar de cultura sexual brasileira, para além de um retrato restrito às representações, do que a ideologia de “sexualmente abertos” alimenta sobre o caráter nacional, tornou-se uma meta. Avaliar em que medida o uso menos contido dos corpos no Brasil, que os faz mais permeáveis ao contato, produz um estilo peculiar de exercício da sexualidade e para tal as pesquisas internacionais são fundamentais. Como já assinalava Weber em *Economia e Sociedade*, o uso da estatística não precisa ser restrito às descrições estáticas dos grupos, ele pode se dedicar a criação de subgrupos, fundados seja na combinação entre escolaridade e renda, ou em alguns casos adicionando-se religião, e associado a valores expressos, do conjunto da população amostrada para descrever padrões regulares de conduta. Esse procedimento viabiliza que práticas específicas e significados possam ser recuperados, sobretudo no que toca os subgrupos dentro de uma amostra. Desse modo, números (que na antropologia na qual fui treinada eram raros) são úteis na demonstração de mudanças ocorridas no tempo, das diferenças entre grupos sociais e da articulação entre domínios diferentes como as esferas de comportamentos e valores.

Um dos desafios mais instigantes que as ciências sociais podem enfrentar é a combinação de técnicas de pesquisa para enfrentar os dilemas de construção do conhecimento. Reconhecer os limites de determinadas abordagens e tentar combinações nas quais o treinamento em antropologia gerou uma sensibilidade específica para estabelecer conexões que, em geral, escapam a outras formações. Certamente o que está em jogo é o distanciamento de qualquer pretensão de saber quais são os sentidos em operação quando se trabalha com questionários. Sobretudo, porque o bom senso em termos de economia de tempo e de controle sobre a recodificação das respostas sugere um estilo de perguntas em que as alternativas sejam já oferecidas para os respondentes. A formulação das alternativas advém da incorporação das pistas oferecidas durante a fase de exploração das entrevistas individuais, que permite a aproximação de formas mais adequadas de frasear as opções e refinar hipóteses interpretativas que vão ser testadas com o instrumento geral. Essas hipóteses, no caso atual, se originam de sobremaneira de estudos antropológicos sobre gênero e sexualidade. Um exemplo ilustrativo é o da categoria “ficar”, termo que designa um estágio de relacionamento entre jovens que implica certo grau de intimidade corporal, mas distingue-se do namoro –categoria fortemente enraizada no imaginário das relações amorosas – pela ausência de projeto de continuidade ou compromisso público entre os parceiros. Cronologicamente o ficar tende a vir em primeiro lugar do que o namoro, mas tal assertiva só é válida nos contextos nos quais tal categoria se encontra disseminada. Este não é o caso de todas as regiões do país. Nos pré-testes a que submetemos as versões anteriores do questionário ficou patente que para um número expressivo de jovens (sobretudo os mais pobres) a categoria é entendida como “fazer sexo”. Desse modo, foi procedida uma alteração na ordem de apresentação das perguntas para que o entrevistado se aproximasse do sentido das interações entre jovens a partir do termo

namoro<sup>5</sup>.

A comparação entre culturas/sociedades é o caminho mais adequado para colocar em relevo os mecanismos de ênfase e apagamento que modelam os sentidos, as técnicas que ensinam os usos dos corpos. Ele permite a operação de estranhamento de maneira mais efetiva. Uma pesquisa qualitativa, fundada em entrevistas que possuíam uma pergunta inicial comum – qual foi a sua primeira experiência amorosa – debruçou-se sobre as formas de aproximação entre os sexos e os roteiros de iniciação sexual, realizada entre sujeitos que apresentavam inserções sociais assemelhadas. Ressalta desse material, em contraste com os depoimentos franceses, as narrativas da iniciação sexual masculina no Rio de Janeiro. A “curiosidade”, seguida depois da “necessidade”, torna ao ato sexual um fim em si mesmo, sem maiores considerações sobre a parceira ideal. Para os homens tais contatos são quase mecânicos, automáticos e, contudo, centrais para a aquisição de um estatuto viril para a identidade masculina. Furtar-se a essa atividade febril do corpo, ou sentir-se mal diante da expectativa de que ela assim se processe, é motivo de grande inquietação para eles, levando-os a se perguntarem se são realmente homens (Heilborn, 1999). O que ressalta desse material, e que os dados oriundos do survey Gravada vêm confirmar, é que a diferença de classe não introduz uma diferença significativa na idade de início das atividades sexuais com parceiras (os) para os homens. O resultado obtido faz o Brasil aproximar-se bastante de Portugal, que por sua vez destoa um pouco do conjunto de países europeus (cf. Pais, 1993), o que pode ser interpretado como o forte peso que os valores ligados à virilidade desempenham na construção das identidades masculinas.



Nesse exercício de avaliação sobre a inteligibilidade de um percurso intelectual e sobre o grau em que a perspectiva antropológica pôde ser incorporada, com ajuda de outras colegas também antropólogas, procedo a uma explanação sobre a pesquisa “Gravidez na Adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil” (GRAVAD)<sup>6</sup>. Trata-se de

---

<sup>5</sup> Para efeito de ilustração saliento a ausência na língua francesa de uma expressão semelhante a de namoro; a forma de designar um compromisso amoroso é expressa pelo “sair com” (Bozon e Heilborn, 2001)

<sup>6</sup> O projeto “Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil” (Pesquisa GRAVAD) foi elaborado originalmente por Maria Luiza Heilborn (IMS/UERJ), Michel Bozon (INED, Paris), Estela Aquino (MUSA/UFBA), Daniela Knauth (NUPACS/UFRGS) e Ondina Fachel Leal (NUPACS/UFRGS). A pesquisa está sendo realizada por três centros de pesquisa: Programa em Gênero, Sexualidade e Saúde do IMS/UERJ, Programa de Estudos em Gênero e Saúde do ISC/UFBA e Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde da UFRGS. O grupo de pesquisadores compreende Maria Luiza Heilborn (coordenadora), Estela Aquino, Daniela Knauth, Michel Bozon, Ceres G. Victora, Fabíola Rohden, Cecília McCallum, Tania Salem e Elaine Reis Brandão. O consultor

uma pesquisa sociológica sobre comportamentos sexuais e reprodutivos dos jovens brasileiros numa perspectiva biográfica, combinando técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa. Uma breve descrição da pesquisa ajudará a entender os dilemas de produção de conhecimento implicados em tal iniciativa e de que maneira tentou-se conferir uma abordagem antropológica aos problemas investigados, ainda que nem sempre ela tenha sido a dominante. O banco de dados dessa investigação, cuja coleta de dados foi concluída em janeiro de 2002, reúne um total de 123 entrevistas abertas e 4603 questionários fechados de jovens de 18–24 anos residentes nos municípios de Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre. A pesquisa, fundada numa perspectiva de reconstrução da história de vida, propõe-se explorar as formas pelas quais os comportamentos sexuais-afetivos e reprodutivos interagem com acontecimentos ocorridos nas esferas escolar, profissional e conjugal dos jovens, consideradas as distintas condições de vida da juventude brasileira. Ela concebe o estudo da gravidez na adolescência subordinando o critério etário ao quadro analítico mais amplo da aprendizagem e da experimentação da sexualidade com parceiro. A adoção do conceito de *juventude como processo* e não grupo etário é central para a estratégia de avaliar os desdobramentos de uma gravidez ou parentalidade ocorrida no período da adolescência. Na pesquisa define-se juventude como um processo de transição biográfica, no desenrolar da qual a situação de cada um se modifica rapidamente. Nessa passagem à idade adulta, distingue-se geralmente duas transições: uma transição escolar-profissional (evolução da situação no que tange aos estudos, aquisição progressiva de um estatuto profissional cada vez mais estável e de meios materiais de existência autônomos), e uma transição familiar-conjugal (primeiro relacionamento, constituição de casal ou de família, autonomia residencial) (Galland, 1987). Abordar a juventude em uma perspectiva biográfica implica construir a continuação dos acontecimentos vividos pelo indivíduo, inscritos em seu contexto, mais do que se limitar a fotografar a sua situação no momento da investigação. O Gravad é uma pesquisa biográfica retrospectiva (Courgeau e Lelièvre, 1990), que visa a reconstituir a seqüência das relações sexuais, afetivas e conjugais dos entrevistados, privilegiando tanto os primeiros acontecimentos, quanto os mais recentes.

Uma das principais transições operadas na adolescência é a passagem ao exercício da sexualidade com parceiro, que se desenrola paralelamente a uma solidificação de práticas e significados associados à contracepção e à reprodução. Os comportamentos sexuais e reprodutivos – incluindo-se uma eventual gravidez e parentalidade adolescentes – só adquirem sentido pleno à luz da *construção e das representações de gênero*, ou seja, do modo como cada gênero representa a si próprio, o outro e a relação entre eles. A título de ilustração, a vigência de uma lógica assimétrica de/entre gêneros – que a literatura assinala ser uma característica da cultura brasileira – dificulta a negociação do uso de contraceptivos e práticas

---

estatístico é Antonio José Ribeiro Dias (IBGE). A pesquisa é financiada pela Fundação Ford e conta com o apoio do CNPq.

preventivas entre parceiros, afirmando-se assim como um dos co-fatores de risco que predispõem a uma gravidez na adolescência<sup>7</sup>.

Interessada em investigar o tema da sexualidade e do gênero deparo-me com as contingências de organização do campo da saúde coletiva, sejam consideradas as relações de prestígio envolvidas bem como as agências de investimento presentes no país, assim a proposta deve possuir aspectos atrativos, e a investigação se volta para um problema social, no qual estão presentes em dimensões significativas, gênero e sexualidade. As abordagens sobre a gravidez na adolescência no Brasil compartilham em geral as noções de “problema” e de “risco”, a da supremacia do fator idade frente ao de condições sociais e uma identificação simples entre gravidez na adolescência e as mães adolescentes, pobres e solteiras. Está presente um deslizamento semântico entre gravidez e parentalidade, o que subestima a magnitude da “gravidez na adolescência” porque desconsidera os casos de aborto espontâneo ou provocado. Entre os riscos sociais, existe o pressuposto de que a maternidade/paternidade nessa fase conduz ao abandono escolar e à uma precária inserção no mercado de trabalho, acarretando a transmissão intergeracional da pobreza. Alguns trabalhos críticos assinalam que a evasão escolar de moças e dos rapazes seus parceiros antecede ao engravidamento. E existe já uma literatura que se interessa em compreender o fenômeno a partir da visão dos sujeitos implicados e pode-se dizer que uma interpretação se delinea a partir dos resultados dessas pesquisas: é o horizonte social limitado que torna o projeto de maternidade/ paternidade antecipadas uma alternativa razoável para os jovens.

A preocupação com tingir de uma perspectiva antropológica esse estudo está presente na fase qualitativa da investigação, em que se procedeu a realização de entrevistas estruturadas de longa duração. Aqui começam os desafios de uma abordagem antropológica, considerando-se que a tradição da disciplina sempre valorizou o trabalho de campo intensivo e conduzido por um único pesquisador, que passava ser o depositário de múltiplas e complexas experiências de apreensão dos sentidos em jogo num dado contexto. Isso permanecia válido até mesmo quando na história da disciplina, o fazer antropológico foi se distanciando das chamadas situações ideais nas quais se desenvolvera – as sociedades primitivas e em pequena escala – para adentrar-se nas pesquisas em meio urbano, característica das sociedades ditas complexas. Nesse percurso, a antropologia, pelo menos em sua vertente americana, muito se aproximou da sociologia e de uma sociologia compreensiva, com forte inspiração weberiana, de tal modo que em alguns contextos acadêmicos nacionais (como a França) o que os antropólogos urbanos fazem aqui é apenas entendido se dissermos tratar-se de sociologia.

---

<sup>7</sup> “As mulheres encontram-se em posição desvantajosa para negociar o uso da camisinha, em função do cenário das relações de gênero: sendo estas estruturadas com base em uma assimetria de prestígio e autoridade particularmente reveladora no encontro sexual, o exercício da decisão feminina torna-se problemático” (Heilborn, 1999:56).

O acervo de 123 entrevistas foi obtido através de uma equipe de pesquisadores, (em número de 30) treinados em antropologia social, para que conduzissem através de um roteiro bastante detalhado a história de vida dos jovens. Um sistema de cotas foi estipulado com o fito de cobrir uma multiplicidade de experiências e prover material suficiente para a elaboração posterior do questionário. Os critérios foram baseados no sexo, inserção social (classe média versus classe popular) e experiência reprodutiva (com filho antes de 20 anos versus sem filho antes de 20 anos), o que nos habilitou a ter relatos de moças pobres sem terem tido experiência de gravidez, assim como rapazes de camadas médias, cujas parceiras tivessem experimentado tal circunstância. A leitura dessas entrevistas, apesar da recomendação das notas de caderno de campo, produz uma estranha sensação de distância. O não domínio das condições de produção daquela narrativa, de não acesso a atributos que pudessem derivar da observação que se faz no momento da interação entrevistador-entrevistado, torna esses sujeitos meio etéreos.

O questionário, especificado para cada um dos sexos e contendo 336 perguntas, foi formulado em módulos que cobrem várias áreas da vida dos jovens: os dados sócio-demográficos com uma especial atenção para a composição do domicílio e contribuição da renda dos membros moradores e não moradores<sup>8</sup>; a trajetória educacional e suas vicissitudes bem como a de trabalho; a iniciação sexual e o seu contexto, incluindo a caracterização do parceiro, uso de proteção, conhecimento da família sobre o evento, sentimentos e reações frente ao acontecimento; a trajetória amorosa-conjugal subsequente à primeira relação, com o cuidado de relacionar os eventos e seqüências com uma carreira contraceptiva; valores associados à sexualidade e ao gênero e elenco de práticas sexuais experimentadas; gravidez, filhos e abortos; módulo final de avaliação do entrevistado e outro do entrevistador acerca do questionário. Diferentemente de alguns exemplos de pesquisas sobre sexualidade realizadas em outros países, não utilizamos o recurso de tornar a parte do questionário auto-aplicado quando se adentrava o tema das práticas sexuais, o que é extremamente comum em outros países (Le Gall, 1991); o nível de recusa nessa parte do documento é inexpressiva, o que nos leva a crer que a abordagem do assunto no Brasil é bastante facilitada por uma disposição de tratar do tema com alguma facilidade, o que é impensável em outros contextos (cf. Pais para Portugal, 1994)

Nesta etapa a preocupação de algum registro etnográfico foi bastante limitada, mas não de todo excluída. Reuniões periódicas com a equipe de aplicadores de questionários – jovens de 20 a 27 anos – visavam não somente manter o nível de treinamento necessário como obter dados sobre as circunstâncias da aplicação. Nessas reuniões, eles eram incentivados a continuar preenchendo as páginas finais do questionário, o que nos levou a produzir um

---

<sup>8</sup> Essa preocupação deriva de que um dos aspectos atrelados à reprodução dita precoce é a escassez de recursos dos jovens para prover a família, o que é sobretudo notável entre

conjunto de observações sobre a situação de aplicação dos questionários. Como a amostra populacional havia sido estratificada em 5 níveis sócio-econômicos, (de 0 a 4, constituindo-se o setor 0, conforme classificação do IBGE, em favelas e o 4 de setores que reuniam domicílios de maior poder aquisitivo e maior nível de escolaridade dos chefes de família), os registros assinalam que as condições de aplicação do instrumento de pesquisa foram marcadas pela ausência de privacidade, oriunda da própria organização do espaço, nos domicílios mais pobres, levando os pesquisadores a múltiplas estratégias de driblar a presença de terceiros no momento da entrevista, a interrupção pelo telefone quando o contexto mudava para os setores 2 e a garantia de privacidade, através de aposentos reservados para os jovens quando se tratava dos setores 4. Um ensaio fotográfico sobre os setores censitários sorteados no município do Rio de Janeiro pretendeu trazer mais elementos para a compreensão acerca da heterogeneidade da metrópole, e que retrata de maneira contundente as diferentes condições de vida dos moradores das cidades.

Alguns dados, oriundos da pesquisa Gravad, vêm corroborar achados etnográficos. A iniciação sexual tem como idade mediana para homens 16,2 anos e para as mulheres ela se diferencia mais apresentando a idade de 18,3 em Salvador, 17,8 no Rio de Janeiro e 16,9 em Porto Alegre. A proporção de mulheres que esteve grávida antes dos 20 anos, é de 30%, encontrando-se as taxas de aborto bastante diferenciadas para as três cidades; Salvador com 11,3%, Rio de Janeiro com 9,3% e Porto Alegre com 3,7%. Esses dados ganham maior clareza quando se compara com a taxa de não-uso feminino de proteção na primeira relação sexual que é 33,1% , 30, 9% e 20% na mesma relação seqüencial das cidades. A população jovem de Porto Alegre exibe assim indicadores sociais melhores quando se considera o elenco de medidas que a área da saúde pública almeja como sexo protegido do ponto de vista das DST e da contracepção. Esse quadro revela um quadro de maior acesso aos serviços de saúde, uma situação de distribuição da riqueza menos desigual e melhor difusão de informações, diga-se de presença de indicadores mais elevados de escolaridade.

O elenco de valores associados ao exercício da sexualidade também é expressivo de alguns dos temas mencionados no correr deste artigo. Nota-se uma rejeição masculina acentuada ao homossexualismo entre homens. Mesmo aqueles que se encontram entre os estratos sociais mais privilegiados, o que foi possível no momento cruzar a partir da variável nível de escolaridade da mãe, sendo superior a 12 anos, 1/4 escolhem a alternativa de o sexo entre homens tratar-se de um "vício". Curiosamente ocorre uma tolerância significativa das mulheres sobre o mesmo tema, sendo o assunto no qual aparece uma radical negação feminina é relativamente à masturbação, o que vem ao encontro das interpretações acerca da sexualidade das mulheres (Béjin, 1993) que se reveste de precipuamente de um caráter relacional e não de obtenção de prazer. Isso é particularmente notável quando se combina as

---

os mais abastados, mas ainda incapazes de reproduzir as condições de vida de suas famílias de origem.

respostas femininas relativamente aos motivos que a levaram a ter a primeira relação sexual, despontando a categoria “amor” com 3/4 das preferências, enquanto para os homens não ultrapassa 1/10. O termo “tesão” é pouquíssimo escolhido pelas mulheres.

A análise da pesquisa Gravad apenas se inicia e os resultados aqui aportados têm um caráter preliminar de reflexão sobre o quanto a formação em antropologia, dedicada a exploração no meio urbano permitiu esse empreendimento coletivo. Desde o primeiro experimento em Ricardo de Albuquerque assinalava que uma das principais transições operadas na adolescência é a passagem ao exercício da sexualidade com parceiro, que se dá modelada por nítidos diferenciais de gênero. Nessa etapa ocorre um processo de solidificação de práticas e significados associados à contracepção e à reprodução, que só adquirem sentido à luz da *construção e das representações de gênero*, ou seja, do modo como as relações sociais em determinado contexto estruturam a percepção dos sujeitos acerca de cada gênero e do vínculo entre eles. A despeito dessa situacionalidade, persistem intrigantes semelhanças entre homens e mulheres de diferentes classes sociais, o que nos faz retornar à questão dos conteúdos gerais da assimetria de gênero.

A título de conclusão gostaria de salientar que a pesquisa sobre sexualidade está sempre às voltas com a questão da relação entre sexos/gêneros. Não necessariamente as entrevistas realizadas entre pessoas do mesmo sexo são as que correm mais facilmente, pois este aspecto se combina fortemente com a posição etária dos atores em cena. Numa pesquisa quantitativa sobre comportamento sexual conduzida no Chile recentemente observou-se que o elemento de maior desconforto entre os participantes era a discrepância de idades entre pesquisador e pesquisado e bem menor a diferença de gênero. Contudo, o cuidado adicional por parte dos pesquisadores é ter sempre em mente que a situação de conversa é uma interação social. Trata-se de um contexto que deve ser bem demarcado, dentro de limites que não permitam resvalar para a intimidade do entrevistador. Há na situação elementos que possibilitam desencontros no que toca o objetivo da pesquisa. A possibilidade de sedução por parte do entrevistado, nesses casos, deve ser mantida sob controle. O sujeito que se dispõe a falar sobre assunto permite o desvelamento de algo considerado íntimo na cultura ocidental moderna, e, às vezes acontece, um certo pudor ou arrependimento a partir do depoimento. Nesses casos não é raro a solicitação de confissões em contraditória. Mas, às vezes as pessoas nos surpreendem, como a entrevistada carioca de 20 anos, de classe média, que ao responder ao final do questionário o que achara das perguntas: “é muito indiscreto, vocês perguntam quanto a gente ganha...”. A referência a esse episódio ajuda a dirimir a dúvida mais freqüente entre os não-especialistas acerca das pesquisas sobre sexualidade: a de que os informantes mentiriam ou se recusariam a responder por se tratar de um tema privado. As avaliações colhidas apontam no sentido inverso: o tema da sexualidade, pelo menos entre jovens brasileiros, é considerado muito interessante.

## Referências Bibliográficas

- BÉJIN, Andre. 1993. "La masturbation féminine: un exemple d' estimation et d' analyse de la sous-déclaration d' une pratique", in: *Population*, ano 48, nº 5 [1437-1450].
- BOZON Michel e HEILBORN Maria Luiza. 1996. "Les caresses et le mots :Initiations amoureuses à Rio de Janeiro et Paris"., In: *Terrain*, nº 27, Paris, p.37-58.
- COURGEAU, Daniel & LELIÈVRE, Eva. 1990 – "L'approche biographique en démographie". In: *Revue Française de Sociologie*, janvier-mars, XXXI-1.
- DaMATTA, Roberto. 1979. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro, Zahar.
- DUARTE, Luiz Fernando D. 1986. *Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor/CNPq.
- FRY, Peter. 1982. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar.
- GAGNON John e SIMON William. 1973. *Sexual conduct. The social source of Human Sexuality*. Chicago, Aldine.
- GALLAND, Olivier (1997) *Sociologie de la jeunesse*. Paris: Armand Colin.
- GIAMI, Alain, 1995. De Kinsey au sida: l'évolution de la cosntruction du comportement sexuel dans les enquêtes quantitatives. *Sciences Sociales et Santé*, n. 9v.4 (235-56)
- HEILBORN Maria Luiza. 1985, " Visão de mundo e ethos em camadas médias suburbanas no Rio de Janeiro " in *Ciências Sociais Hoje 1984*, São Paulo, Cortez.
- HEILBORN, Maria Luiza. 1993, "Gênero e Hierarquia: a costela de Adão revisitada in *Revista Estudos Feministas* volume 1, número 1 CIEC/ECO/UFRJ.
- HEILBORN, Maria Luiza 1995. O que faz um casal, casal? – conjugalidade e igualitarismo em camadas médias urbanas. In: RIBEIRO, Ivete e RIBEIRO, Ana Clara Torres (orgs.) *Família e Sociedade\_Brasileira: desafios nos processos contemporâneos*. São Paulo, Edições Loyola.
- HEILBORN, Maria Luiza.1998. A primeira vez nunca se esquece: trajetórias sexuais masculinas In: *Revista Estudos Feministas* volume 6, número 2 IFCS/UFRJ, pp. 396-405.
- HEILBORN, Maria Luiza. 1999. Corpos na cidade: sedução e sexualidade in VELHO, Gilberto *Antropologia Urbana*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor
- LAGRANGE, Hughes e LHOMOND, Brigitte, 1997. *L'entrée dans la sexualité. Le comportement des jeunes dans le contexte du sida*, Paris, La Découverte
- LAUMANN,O *et al.* 1994. *The social organization of sexuality –sexual practices in the United States*, Chicago, Chicago University Press
- LE GALL, Didier. 2001. Les constructions scientifiques de la sexualité. *Sociétés Contemporaines*, n.41/42.
- MALINOWSKI, Bronislav, 1976. *A vida sexual dos selvagens* Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE SAS-PNDST/AIDS, 1997. *Pesquisa sobre Comportamento Sexual e*

*Percepções da População Brasileira sobre HIV/Aids.* Brasília.

PAIS, Jose *et al.* 1998 *Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea.* Lisboa: Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa/Secretaria de Estado da Juventude.

VELHO, Gilberto. 1981. *Individualismo e Cultura.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

WEBER, Max 1974. *Economía y Sociedad.* Mexico, Fondo de Cultura do Mexico

